

## VII

## AS PRIMEIRAS PERSEGUIÇÕES

Saulo de Tarso, nas características de sua impulsividade, deixou-se empolgar pela idéa de vingança, impressionado com o desassombro de Estevam em face da sua autoridade e da sua fama. A seu ver, o prégador do Evangelho infligira-lhe humilhações públicas, que impunham reparações equivalentes.

Todos os círculos de Jerusalém, nada obstante o curto prazo da sua nova permanencia na cidade, não escondiam a admiração que lhe votavam. Os intelectuais do Templo estimavam nele uma personalidade vigorosa, um guia seguro, tomando-o por mestre no racionalismo superior. Os mais antigos sacerdotes e doutores do Sinhédrío reconheciam-lhe a intelligencia aguda e nele depositavam a esperança do porvir. Na época, sua juventude dinamica, votada quasi inteiramente ao ministerio da Lei centralizava, por assim dizer, todos os interesses da casuística. Com a argucia psicologica que o caracterizava, o jóvem tarsense conhecia o papel que Jerusalém lhe destinava. Assim que, as controversias de Estevam doíam-lhe nas fibras mais sensiveis do coração. No fundo, o seu ressentimento era apanagio de uma juventude generosa e sincera; entretanto, a vaidade ferida, o orgulho racial, o instinto de dominio, toldavam-lhe a retina espiritual.

No amago das suas reflexões, odiava agora aquele Cristo crucificado, porque detestava a Estevam, considerado então como perigoso inimigo. Não poderia tole-

rar qualquer expressão daquela doutrina aparentemente simples, mas, que vinha abalar o fundamento dos princípios estabelecidos. Perseguiria inflexivelmente o "Caminho", na pessoa de quantos lhe estivessem associados. Mobilizaria, intencionalmente, todas as simpatias de que dispunha, para multiplicar a devassa imprescindível. Certo, deveria contar com as admoestações conciliatórias de um Gamaliél e de outros raros espiritos, que, ao seu ver, se deixariam embaír pela filosofia de bondade que os galileus haviam suscitado com as novas escrituras; mas estava convencido de que a maioria farisáica, na sua função politica, ficaria a seu lado, animando-o na empresa começada.

No dia seguinte a prisão de Estevam, procurou arregimentar as primeiras forças com a máxima habilidade. A' cata de simpatia para o amplo movimento de perseguição que pretendia efetuar, visitou as personalidades mais eminentes do judaísmo, abstendo-se, contudo, de procurar a cooperação das autoridades reconhecidamente pacifistas. A inspiração dos prudentes não o interessava. Necessitava de temperamentos análogos ao seu, para que o cometimento não falhasse.

Depois de concertar largo projeto, entre os compatrióticos, solicitou uma audiencia da Côte Provincial, por obter o apoio dos romanos encarregados da solução de todos os assuntos políticos da provincia. O Proconsul, a-pesar-de residir oficialmente em Cesaréia, estaglava na cidade e ali tivera noticia dos fatos interessantes da véspera. Recebendo a petição do prestigioso doutor da Lei, hipotecou-lhe solidariedade plena, elogiando as providencias em perspectiva. Seduzido pelo verbo fluente do interlocutor, fez-lhe sentir com a displicencia do homem de Estado de todos os tempos e em quaisquer circunstancias, pelos assuntos religiosos, que reconhecia no farisaísmo razões de sobra para mover combate aos galileus ignorantes, que perturbavam o ritmo das manifestações de fé, nos santuários da cidade santa. Concretizando as promessas, concedeu, immediatamente ao moço de Tarso a necessária outorga para o feito colimado, ressaltando naturalmente os di-

reitos de natureza política, que a suprema autoridade romana devia manter intangíveis.

Entretanto, bastava ao futuro rabino a adesão dos poderes públicos aos projetos aventados.

Animado em seus propositos pela quasi geral aprovação do seu plano, Saulo começou a coordenar as primeiras diligencias por desvendar as atividades do "Caminho" em suas mínimas modalidades. Obsidiado pela idéa da desforra pública, idealizava quadros sinistros na mente superexcitada. Tão logo fôsse possível, prenderia todos os implicados. O Evangelho, aos seus olhos, dissimulava sedição iminente. Apresentaria os conceitos oratorios de Estevam como senha da bandeira revolucionária, de maneira a despertar a repulsa dos companheiros menos vigilantes, habituados a pactuar com o mal, a pretexto de acomodaticia tolerancia. Combinaria os textos da Lei de Moisés e dos Escritos Sagrados, para justificar que se deveria conduzir os desertores dos princípios da raça, até á morte. Demonstraria a irrepreensibilidade da sua conduta inflexível. Tudo faria por conduzir Simão Pedro ao calabouço. Na sua opinião, devia ser ele o autor intelectual da trama sutil que se vinha formando em tórno da memória de um simples carpinteiro. No arrebatamento das idéias precipitadas, chegava a concluir que ninguém seria poupado nas suas decisões irrevogáveis.

Nesse dia, singularizado pela visita ás autoridades em evidencia, no intuito de as atrair á sua causa, outros fatos surpreendentes vieram agravar as preocupações que o assoberbavam. Oséas Marcos e Samuél Nathan, dois compatriotas riquíssimos, de Jerusalém, depois de ouvirem a defesa pessoal de Estevam, no Sinhedrio, impressionados com a eloquencia e justeza dos conceitos do orador, distribuiram com os filhos a parte da herança cabível a cada um, e doaram ao "Caminho" o restante de seus haveres. Para isso, procuraram Simão Pedro beijando-lhe as mãos calejadas no trabalho, depois de lhe ouvirem a palavra a-cêrca-de Jesus Cristo.

A noticia ecoou nos círculos farisáicos com as características de verdadeiro escandalo.

Saulo de Tarso teve conhecimento do fato, no dia imediato, aferindo o abalo geral que a atitude de Estevam provocara. A defecção dos dois correligionarios bandeando-se para os galileus causou-lhe profundo sentimento de revolta. Falava-se, mais, que Oséas e Samuél entregando ao "Caminho" a totalidade de seus bens, haviam declarado, entre lágrimas, que aceitavam o Cristo como o Messias prometido. Os comentarios dos amigos, a respeito, instigavam-no ás mais fortes represalias. Designado pelas caprichosas correntes populares como o mais jóvem defensor da Lei, sentia-se compelido, cada vez mais, a revelar o seu ascendente nesse posto que considerava sagrado. Na defesa do seu mandato, por isso mesmo, desprezaria todas as considerações tendentes a infirmar-lhe o rigorismo, em que presumia um divino dever.

Considerando a gravidade da última occorrença que ameaçava a estabilidade do judaismo no seio mesmo dos seus elementos mais destacados, procurou novamente as autoridades supremas do Sinhedrio, a-fim-de apressar as repressões em perspectiva.

Atenta a autorização concedida pelos mais altos poderes políticos da provincia, Caifaz propôs fôsse o zeloso doutor de Tarso nomeado chefe e promotor de todas as providencias atinentes e indispensaveis á guarda e defesa da Lei. Competia-lhe, então, promover todos os recursos que julgasse convenientes e uteis, reservadas ao Sinhedrio as últimas decisões, maximé, as de natureza mais grave.

Satisfeito com o resultado da reunião que improvisara, o moço tarsense acentuou antes de se despedir dos amigos:

— Hoje mesmo, requisitarei o corpo de tropa que deverá operar no perímetro da cidade. Amanhã ordenarei a detenção de Samuél e Oséas, até que se resolvam a retomar juizo e, no fim da semana tratarei das capturas da gentilha do "Caminho".

— Não temerás, acaso, os sortilégios? — interrogou Alexandre com irónia.

— De modo algum — respondeu sentencioso e de-

cívico. — Sabendo de outiva que os próprios militares começam a ficar supersticiosos sob a influência das idéias extravagantes dessa gente, chefiarei em pessoa a expedição, porquanto, tenciono recolher o tal Simão Pedro ao calabouço.

— Simão Pedro? — perguntou um dos presentes admirado.

— Por que não?

— Sabes o motivo da ausência de Gamaliel ao nosso encontro de hoje? — tornou o outro.

— Não.

— E' que, a convite desse mesmo Simão, ele foi observar as instalações e os feitos do "Caminho". Não achas tudo isso extremamente curioso? Temos, de maneira geral, a impressão de que o chefe humilde dos galileus, desaprovando a atitude de Estevam perante o Sinhedrio, deseja recompôr a situação, buscando aproximar-se de nossa autoridade administrativa. Quem sabe? Talvez tudo isso seja útil. No mínimo, é bem possível estejamos caminhando para a necessária reharmonização.

Saulo mostrava-se mais que surpreso, porque esuefato.

— Mas, que vem a ser tudo isso? Gamaliel visitando o "Caminho"? Chego a duvidar da sua integridade mental.

— Mas sabemos — interveiu Alexandre — que o mestre sempre pautou seus atos e pensamentos com a máxíma correção. Era justo se negasse a tal convite, em consideração a nós outros; entretanto, se tal não fez, é igualmente preciso não desacatemos a deliberação tomada, certo, com a nobreza de objetivos que sempre o inspirou.

— De acôrdo — disse Saulo algo contrafeito — entretanto, a-pesar-da amizade e gratidão que lhe consagro, nem mesmo Gamaliel poderá modificar minhas resoluções. E' possível que Simão Pedro se justifique, saindo ileso das provas a que será submetido; mas, seja como fôr, terá de ser conduzido ao cárcere para as necessarias inquirições. Deconfio da sua aparente humildade. Com que fim se abalançaria ele a deixar

suas rédes para arvorar-se em benfeitor gracioso dos pobres de Jerusalém? Vejo, em tudo isso, propositos de sedição que não deve andar muito longe. Os mais humildes e ignorantes caminham á frente dos perigos. Os senhores da destruição aparecem depois.

A palestra animou-se ainda algum tempo, em tórno da expectativa geral dos acontecimentos que se aproximavam, até que Saulo se despediu e voltou para casa, disposto a assentar os últimos detalhes do seu plano.

A prisão de Estevam tivera na igreja modesta do "Caminho", ampla repercussão, despertando justificados receios aos apóstolos da Galiléia. Pedro recebera a notícia com profunda tristeza. Encontrara no rapaz de Corinto um auxiliar devotado e um irmão. Além disso, pela nobreza de suas qualidades afetivas, Estevam se tornara uma figura central a focalizar todas as atenções. Para a sua frente inspirada convergiam numerosos problemas, em cuja solução o ex-pescador de Cafarnaum não mais dispensava a sua prestigiosa cooperação. Amado pelos aflitos e sofredores, tinha sempre a palavra de bom ânimo, que levantava o mais empedernido coração. Pedro e João preocuparam-se mais por amor, que por quaisquer outras considerações. Entretanto Tiago, filho de Alfeu, não conseguia disfarçar seu desgosto em face da conduta desassomburada do irmão de fé, que não hesitara em afrontar os poderes farisaicos, senhores da situação. Na opinião dele, Estevam andara errado no capítulo das exortações; deveria comedir-se, merecera a prisão pelos argumentos precipitados na defesa de si mesmo. Fermentara-se a discussão. Pedro fazia-lhe sentir a oportunidade da ocorrência, para que se revelasse a liberdade do Evangelho. E reforçava os argumentos com a lógica dos fatos. A resolução de Oséas e Samuel entregando-se a Cristo, era invocada para justificar o exito espiritual do "Caminho". Toda a cidade comentava os acontecimentos; muitos se aproximavam da igreja com sincero desejo de melhor conhecer a Cristo, e isso devia significar a vitória da causa. Tiago, no entanto, não se deixava vencer pelos mais fortes raciocínios. A discordia tomava corpo, mas Si-

mão e o filho de Zebedeu sobrepunham a tudo os interesses da Mensagem de Jesus. O Mestre afirmara-se emissário para todos os desalentados e doentes. E estes já conheciam a igreja humilde de Jerusalém, iluminando-se com a palavra de vida e de verdade. Os enfêrmos, os desiludidos da sorte, os desprotegidos do mundo, os tristes, iam-lhe ao encontro para o esclarecimento consolador. Era de ver-se como se rejubilavam na dor quando se lhes falava da claridade eterna da ressurreição. Velhinhos trêmulos abriam os olhos desmesuradamente, como se contemplasssem novos horizontes de imprevistas esperanças. Criaturas cansadas da luta terrestre sorriam venturosas, quando, em ouvindo a Boa Nova, compreendiam que a existencia amargurada não era tudo.

Pedro observava os sofredores que Jesus tanto amara e experimentava novas fôrças.

Ciente da atitude nobre de Gamaliél ante as acusações do doutor de Tarso, e crente de que só ela evitara o apedrejamento imediato de Estevam, concebeu o projeto de convidá-lo a visitar as instalações toscas da igreja do "Caminho". Exposta aos companheiros, a idéia foi unanimemente aprovada. João era o mensageiro escolhido para o novo cometimento.

Gamaliél não só recebeu cavalheirescamente o emissário, como demonstrou grande interêsse pelo convite, aceitando-o com a generosidade que lhe exornava a velhice veneranda.

Entabuladas as combinações, o sábio rabino deu entrada na casa pobre dos galileus, que o receberam com infinita alegria. Simão Pedro, profundamente respeitoso, explicou-lhe as finalidades da instituição, esclareceu-o relativamente aos feitos verificados; falou do conforto dispensado aos que se encontravam em abandono. Carinhosamente, ofereceu-lhe uma cópia, em pergaminho, de todas as anotações de Mateus sôbre a personalidade do Cristo e seus gloriosos ensinamentos. Gamaliél agradecia, atencioso, ao ex-pescador, tratando-o igualmente com deferencia e consideração. Dando a entender que desejava expôr á sua respeitavel apreciação todos os programas da igreja humilde, Simão con-

duziu o velho doutor da Lei a todas as dependencias. Chegados á longa enfermaria em que se aglomeravam doentes os mais diversos, o grande rabino de Jerusalém não pôde ocultar a maxima impressão, comovido até as lágrimas com o quadro que se lhe deparava aos olhos espantados. Em leitos acolhedores via anciães de cabelos nevados pelos invernos da vida, e crianças esquálidas cujos olhares agradecidos acompanhavam o vulto de Pedro, como se estivessem na presença de um pai. Não dera ainda dez passos em tórno dos móveis singelos e limpos, quando estacou á frente de um velhinho de miseravel aspecto. Imobilizado pela enfermidade que o prostrara, o pobre enfêrmo pareceu reconhece-lo igualmente.

E o diálogo se travou sem preambulos:

— Samonio, tú aqui? — interrogou Gamaliél admirado. — Pois será possível que abandonasses Cesaréia?

— Ah! sois vós, senhor! — respondeu o interpelado com uma lágrima no canto dos olhos. — Ainda bem que um dos meus compatriços e amigos chegou a observar minha grande miséria.

O pranto embargou-lhe a voz, impedindo-o de continuar.

— Mas, os teus filhos? E os parentes? Na posse de quem estão tuas propriedades da Samária? — perguntava o velho mestre perplexo. — Não chores, Deus tem sempre muito para nos dar.

Decorrida longa pausa em que Samonio pareceu coordenar as idéias para explicar-se, conseguiu limpar as lágrimas e prosseguir:

— Ah! senhor, como Jó, vi meu corpo apodrecer entre os confortos de minha casa; Jeová na sua sabedoria reservava-me longas provanças. Denunciado como leproso, em vão solicitei socorro dos filhos que o Criador me concedeu na mocidade. Todos me abandonaram. Os familiares deram-se pressa em partir deixando-me sózinho. Os amigos que se banquetevam comigo em Cesaréia, fugiram sem que os pudesse ver. Fiquei só e desamparado. Um dia, para suprema desesperação da minha desdita, os executores da justiça procuraram-

me para notificar a sentença cruel. Combinando entre si, a conselho da iniquidade, meus filhos destituíram-me de todos os bens, assenhorearam-se de minhas posses e dos títulos em dinheiro, que representavam a esperança de uma velhice honesta. Por fim e para cumulo de sofrimentos, conduziram-me ao vale dos imundos, onde me abandonaram como se fôra um criminoso sentenciado á morte. Senti tanto abandono e tanta fome, experimentei tamanhas necessidades, talvez pela minha vida passada no trabalho e no conforto, que fugi do vale dos leprosos fazendo longa jornada a pé, esperançoso de encontrar em Jerusalém as amizades valiosas de outrora.

Ouvindo o relato doloroso, o velho mestre tinha os olhos húmidos. Conhecera Samonio nos dias mais felizes de sua vida. Homenageado em sua residencia, de passagem por Cesaréia, espantava-se agora daquela angustiosa indigencia.

Depois de pequeno interregno em que o doente procurava enxugar o suor e as lágrimas, com voz pausada continuou:

— Empreendi a viagem mas tudo conspirou contra mim. Em breve os pés chagados não podiam caminhar. Arrastava-me como podia, cheio de cansaço e sede, quando um carroceiro humilde, apiedado me colheu e trouxe a esta casa, onde a dôr encontra um consolo fraternal.

Gamaliél não sabia como externar sua surpresa, tal a emoção que lhe vibrava no intimo. Pedro, igualmente, estava sensibilizado. Acostumando-se á prática do bem sem cogitar jamais dos antecedentes do socorrido, via no caso uma confortadora revelação do amoroso poder de Cristo.

O grande rabino estava atonito diante do que ali via e ouvia. Com a sinceridade que lhe era peculiar, não podia dissimular sua amizade agradecida ao pobre enfêrmo; mas, sem recursos para retira-lo daquele pobre albergue, via-se na contingencia de estender seu reconhecimento a Simão Pedro e demais companheiros do ex-pescador de Cafarnaum. Só agora reconhecia que

o judaismo não havia cogitado desses pousos de amor. Encontrando ali o amigo leproso, desejou sinceramente ampara-lo. Mas como? Pela primeira vez pensou na dolorosa eventualidade de enviar um ente amado ao vale dos imundos. Ele que aconselhara esse recurso a tanta gente, ali estava considerando agora a situação de um amigo querido. O episódio abalava-o profundamente. Procurando evitar raciocínios filosóficos, de modo a não cair em conclusões apressadas, falou com doçura:

— Sim, tens razão para agradecer o esforço dos teus benfeitores.

— E tambem a misericórdia do Cristo — acentuou o doente com uma lágrima. — Creio, agora, que o generoso profeta de Nazaré, com o testemunho de amor que nos trouxe, é o Messias prometido.

O grande doutor compreendeu o exito da nova doutrina. Aquele Jesus desconhecido, ignorado da sociedade mais culta de Jerusalém, triunfava no coração dos infelizes, pela contribuição de amor desinteressado que trouxera aos mais desherdados da sorte. Compreendeu, ao mesmo tempo, a discreção que se lhe impunha naquele meio humilde, atentas as suas responsabilidades na vida pública. Precisando prosseguir na conversa por testemunhar o seu altruismo e piedade, advertiu com um sorriso:

— Acredito que Jesus de Nazaré, de fato, foi um modelo de renúncia a pról de idéias que, até hoje, não pude perquirir ou compreender; mas daí a considera-lo o próprio Messias...

Essas palavras reticenciosas davam a compreender o escrúpulo do seu coração delicado, entre a lei antiga e as novas revelações do Evangelho. Simão Pedro assim o entendeu e, de balde, procurava um meio para desviar a palestra noutro rumo. O proprio Samonio, porém, como tutelado do Mestre, foi em auxílio do Apóstolo, redarguindo a Gamaliél com observações ponderadas e justas:

— Se eu estivesse com saúde, plenamente identificado com a família e no gôzo dos bens que conquistei com esforço e trabalho, talvez duvidasse tambem dessa

realidade confortadora. Mas estou prostrado, esquecido de todos e sei quem me deu mão amiga. Como israelitas, amantes da Lei de Moisés, temos esperado um Salvador na pessoa mortal de um príncipe do mundo; contudo, essa crença ha-de prevalecer para uma situação passageira. São ilusórios preconceitos, esses que nos levam a induzir uma dominação de forças percebíveis. A enfermidade, porém, é conselheira carinhosa e esclarecida. De que nos valeria um profeta que salvasse o mundo para depois desaparecer entre as misérrimas anônimas de um corpo apodrecido? Não está escrito que toda iniquidade perecerá? E onde está o príncipe poderoso da Terra que domine sem a garantia das armas? O leito de dôr é um campo de ensinamentos sublimes e luminosos. Nele, a alma exausta vai estimando no corpo a função de uma túnica. Tudo o que se refira á vestimenta vai perdendo, conseqüentemente, de importância. Persevera, contudo, a nossa realidade espiritual. Os antigos afirmavam que somos deuses. Na minha situação atual tenho a perfeita impressão de que somos deuses projetados num turbilhão de pó. A-pesar das chagas pustulentas que me segregaram das afeições mais queridas, penso, quero e amo. Na camara escura do sofrimento encontrei o Senhor Jesus, para compreendê-lo melhor. Hoje creio que seu poder dominará as nações, porque é a força do amor triunfando da própria morte.

A voz daquele homem marcado de feridas rôxas, no seu grave entono, parecia o clarim da verdade saindo de um montão de pó. Pedro verificava, satisfeito, o progresso moral daquele mendigo anônimo, para avaliar intimamente a força regeneradora do Evangelho. Gamaliél, por sua vez, aturdiava-se com o profundo sentido daqueles conceitos. A prégação do Cristo, nos lábios de um doente desamparado, tinha um cunho de beleza misteriosa e singular. Samonio falara no tom de quem tivera experiências diretas de um encontro real com o profeta nazareno. Buscando afastar qualquer possibilidade de controvérsia religiosa, o generoso rabino sorriu e acrescentou:

— Reconheço que falas com muita sabedoria. Se é incontestável que estou numa idade em que não seria útil alterar os princípios, não posso manifestar-me contrário ás tuas suposições, pois estou bem de saúde, gozo o carinho dos meus e tenho vida tranquila. Minha faculdade de julgar, portanto, tem de operar noutra rumo.

— Sim, é justo — retrucou Samonio inspirado — por enquanto não estais precisando de um salvador. Eis porque o Cristo afirmava que viera para os doentes e para os aflitos.

Gamaliél compreendeu o alcance dessas palavras que davam para meditar uma vida inteira. Sentiu os olhos húmidos. A observação de Samonio penetrara-lhe fundo o coração sensível de homem justo. Percebendo, todavia, que necessitava de prudencia para não confundir os sentimentos do povo, atento o cargo oficial que ocupava, esboçou um manso sorriso para o interlocutor, bateu-lhe levemente no ombro, e com acento de fraternal sinceridade acentuou:

— Talvez tenhas razão. Estudarei o teu Cristo.

E lembrando o pouco tempo de que dispunha, recomendou o amigo a Simão, despedindo-se num abraço, para acompanhar o Apóstolo de Cafarnaum ás últimas dependencias.

Antes de retirar-se o sábio rabino felicitou os companheiros de Jesus pela obra que realizavam na cidade e, compreendendo a delicadeza da sua missão num ambiente por vezes tão hostil, aconselhou a Pedro não esquecer, na igreja do "Caminho", todas as práticas exteriores do judaísmo. Seria justo, ao seu ver, que se cuidasse da circuncisão de todos os que lhe batessem á porta; que evitassem as viandas impuras; que não olvidassem o Templo e seus princípios. Gamaliél sabia que os galileus não seriam isentos de perseguição, ainda mais tratando-se de uma organização iniciada por alguém que fôra condenado á morte pelo Sinhédrio. Com aqueles conselhos, visava aparar os golpes da violencia, que, cedo ou tarde, haveriam de chegar.

Pedro, João e Tiago agradeceram sensibilizados a

carinhosa admoestação e o velho doutor regressou ao lar, fundamente impressionado com as lições do dia, levando consigo os apontamentos de Mateus, que se pôs a lêr imediatamente.

Mais dois dias decorreram e as perseguições capitaneadas por Saulo de Tarso começaram a sacudir Jerusalém em todos os setores de suas atividades religiosas.

Oséas Marcos e Samuél Nathan foram presos, sem nota de culpa, a-fim-de responderem a rigoroso inquerito. Os cooperadores do movimento organizaram longas nominatas dos israelitas mais destacados que frequentavam as reuniões da igreja do "Caminho". O moço de Tarso determinara que se abrisse inquerito geral. Entretanto, como desejava dar uma demonstração de desassombro aos adversários, julgou que deveria iniciar as prisões de maior importância, depois do encarceramento de Oséas e Samuél, no reduto mesmo dos galileus obscuros, que haviam ousado afrontar a sua autoridade.

Foi pela manhã de um dia muito claro, que o futuro rabino cercado de alguns companheiros e soldados bateu á porta da casa humilde, fazendo grande alarde dos fins de sua visita insidiosa. Simão Pedro em pessoa foi atende-lo com grande serenidade nos olhos. Indisfarsável pavor estabeleceu-se entre os mais tímidos, porquanto, dois j6vens que acompanhavam o Ap6stolo se incumbiram de correr ao interior e espalhar a notícia.

— E's tú Simão Pedro, antigo pescador de Cafarnaum? — perguntou Saulo com certa ironia.

— Eu mesmo — respondeu com firmeza.

— Estás preso! — obtemperou o chefe da expedição num gesto de triunfo. E mandando que dois dos companheiros se adiantassem, ordenou f6sse o Ap6stolo algemado incontinente. Pedro não op6s a mínima resistencia. Impressionado com o temperamento pacífico que os continuadores do Nazareno testemunhavam sempre, Saulo objetou com escárneo:

— O Mestre do "Caminho" deve ter sido um alto

modélo de inércia e covardia. Ainda não encontrei indício qualquer de dignidade nos seus discípulos, cujas faculdades de reação parecem mortas.

Recebendo em cheio tão acerba injúria, o ex-pescador respondeu serenamente:

— Enganai-vos quando assim julgais. O discípulo do Evangelho é apenas inimigo do mal e, na sua tarefa, coloca o amor acima de todos os princípios. Além do mais, nós consideramos que todo jugo, com Jesus, é suave.

O j6vem tarsense, detentor de tão alto poderio não dissimulou o mal-estar que a resposta lhe causava e, apontando o continuador de Jesus, disse a um dos homens da escolta:

— Jonas, toma conta dele.

E acentuando ironicamente as palavras, dirigiu-se aos demais com um gesto de desprezo para o Ap6stolo algemado, que o contemplava sereno, embora surpreendido:

— Não discutamos com este homem. Esta gente do "Caminho" está sempre cheia de raciocínios absurdos. E' preciso não perder tempo com a cegueira da ignorancia. Vamos até lá dentro, prendamos os chefes. Os sequazes do carpinteiro hão-de ser perseguidos até o fim.

Resoluto, tomou a dianteira, penetrando ousadamente em busca dos apartamentos mais íntimos. De porta a porta, encontrava mendigos que o fitavam tomados de espanto e amargura. O quadro vivo de tanta miséria abrigada, enchia-o de admiração; mas esforçava-se por não perder a enfibratura implacável, de maneira a executar seus projetos nos menores detalhes. Ao lado da enfermaria de mais vastas proporções, encontrou o filho de Zebedeu, que lhe ouviu a voz de prisão sem alterar a serenidade fisionomica.

Sentindo as mãos grosseiras do soldado que lhe applicava as algemas, João ergueu os olhos ao Alto e murmurou simplesmente:

— Encomendo-me ao Cristo.

O chefe da caravana olhou-o com profundo desprezo e exclamou altivamente para os companheiros:

— Faltam dois dos mais suspeitos. Procuremo-los.

Referia-se a Filipe e Tiago, na qualidade de discípulos diretos do Messias Nazareno.

Mais alguns passos e o primeiro foi encontrado facilmente. Filipe deixou-se algemar sem um protesto. Suas filhas o rodearam aflitas e chorosas.

— Coragem, filhas — disse ele sem temor — acaso seríamos superiores a Jesus, que foi perseguido e crucificado pelos homens?

— Ouves, Clemente? — perguntou Saulo, irritado, a um dos amigos mais cotados. — Não se percebe outra cousa a não ser referencias ao estranho Nazareno! O primeiro falou em jugo do Cristo, o segundo encomendou-se a Cristo, este alude á superioridade do Cristo... Até onde iremos?

Após desabafar a cólera, em termos ásperos, rematava com o estribilho constante:

— Havemos de ir até o fim.

Seguros os três prisioneiros, faltava o filho de Alfeu. Alguem se lembrou de procurá-lo no toco biombo que ocupava. Com efeito, lá o encontraram ajoelhado, tendo diante dos olhos um rôlo de pergaminhos contendo a lei de Moisés. Via-se-lhe a palidez marmórea do rosto, quando Saulo se aproximou ríspido:

— Que é isso? Ha aqui alguem que cuide da Lei?

O irmão de Leví levantou os olhos transbordantes de sincero receio e explicou humilde:

— Senhor, jamais esqueci a lei de nossos pais. Meus avós ensinaram-me a receber de joelhos as luzes do profeta santo.

A atitude de Tiago não traduzia fingimento. Consagrando o máximo respeito ao libertador de Israel, sempre ouvira dizer que seus livros sagrados estavam tocados de virtude santa. Na expectativa do cárcere, atemorizara-se com o perigo iminente. Não pudera compreender, maiormente, como outros companheiros, o sentido divino e oculto das lições do Evangelho. O sacrificio inspirava-lhe indifarsaveis temores. Afinal, pensava

ele na compreensão parcial do Cristo: — quem ficaria para superintender as obras começadas? O Mestre expirara na cruz e, naquele instante, os Apóstolos de Jerusalém estavam presos. Precisava defender-se com os meios possíveis, ao seu alcance. Imaginou recorrer ás virtudes sobrenaturais da Lei de Moisés, de acôrdo com as velhas crenças. Genuflexo, tremulo, esperara os verdugos que se aproximavam.

Em face da atitude imprevista de Tiago, Saulo de Tarso estava atonito. Só os espíritos profundamente aferrados ao judaismo liam, de joelhos, os ensinamentos de Moisés. Em sã consciencia, não poderia ordenar a prisão daquele homem. O argumento que justificava sua tarefa perante as autoridades políticas e religiosas de Jerusalém era o combate aos inimigos das tradições.

— Mas não sois amigo do carpinteiro?

Com invejavel presença de espírito o interpelado respondeu:

— Não me consta que a lei nos impeça de ter amigos.

Saulo perturbou-se, mas prosseguiu:

— Mas, que escolheis? A Lei ou o Evangelho? Qual dos dois aceitais em primeiro lugar?

— A Lei é a primeira revelação divina — disse Tiago com intelligencia.

Ante a resposta que o desconcertava, de alguma sorte, o moço de Tarso refletiu um momento e acrescentou dirigindo-se aos circunstantes:

— Está bem. Este homem fica em paz.

O filho de Alfeu, intimamente satisfeito com o resultado de sua iniciativa, acreditava agora que a Lei de Moisés estava tocada de graças vivas e permanentes. A seu ver, fôra o código do judaismo o talismã que o conservava em liberdade. Desde esse dia, o irmão de Levi ia consolidar, para sempre, suas tendencias superstitiosas. O fanatismo que os historiadores do cristianismo encontraram na sua personalidade enigmática teve aí sua origem.

Afastando-se do aposento de Tiago, Saulo preparava-se para sair, quando, de regresso á portaria para

ordenar a partida dos prisioneiros, esbarrou com a cena que mais haveria de o impressionar.

Todos os doentes que se podiam arrastar, todos os abrigados capazes de se moverem, cercavam a pessoa de Pedro, chorando comovidamente. Algumas crianças o chamavam de "pai"; anciãos trêmulos osculavam-lhe as mãos...

— Quem se compadecerá de nós, agora? — perguntava uma velhinha debulhada em pranto.

— Meu "pai", aonde vão levar-vos? — dizia um órfão afetuosamente abraçando-se ao prisioneiro.

— Vou ao monte, filho — respondia o apóstolo sereno.

— E se vos matarem? — tornava o pequenino com uma grande interrogação nos olhos azuis.

— Encontrar-me-ei com o Mestre e voltarei com êle — esclarecia Pedro bondosamente.

Nesse instante, surgiu a figura de Saulo, que regressava. Contemplando a multidão de aleijados, cegos, leprosos e crianças que entupiam a sala, exclamou irritado:

— Afastem-se, abram caminho!

Alguns recuaram, espavoridos, vendo os soldados que se aproximavam, enquanto que os mais resolutos não arredavam passo. Um leproso que mal se punha em pé, adiantou-se. O velho Samonio, recordando-se do tempo em que podia mandar e ser obedecido, aproximou-se de Saulo com desassombro.

— Nós precisamos saber para onde vão estes prisioneiros — disse com gravidade.

— Para trás! — exclamou o moço tarsense esboçando um gesto de repugnancia. — Será possível que um homem da Lei tenha de dar satisfações a um velho imundo?

Os guardas armados tentaram adiantar-se, para castigar o atrevido; no entanto a lepra defendia Samonio dos seus ataques. Prevalecendo-se da situação, o antigo proprietário de Cesaréia revidou com firmeza:

— O homem da Lei não precisa prestar contas senão a Deus, quando no exato cumprimento dos seus

deveres; mas, nesta casa falam os códigos de humanidade. Para vós eu sou imundo, mas para Simão Pedro sou um irmão. Prendeis os bons e libertais os maus! Onde a vossa justiça? Credes somente no Deus dos exércitos? E' indispensavel saberdes que se o Eterno é o fator supremo da ordem, o Evangelho nos ensina a buscar em sua providencia o carinho de um Pai.

Em ouvindo aquela voz digna, que fluia da miséria e do sofrimento como um apêlo de desesperação, Saulo quedara-se admirado. O mendigo, entretanto, depois de longa pausa, prosseguia resolutamente:

— Onde estão vossas casas de arrimo aos oprimidos da sorte? Quando vos lembrastes de um asilo para os mais infelizes? Enganai-vos se supondes inercia em nossa attitude. Os fariseus levaram Jesus ao Calvário da crucificação, privando os necessitados de sua presença inefavel. Por haver praticado o bem, Estevam foi metido no cárcere. Agora o Sinhédrio requisita os Apóstolos do "Caminho", retribuindo-lhes a bondade com a escuridão do calabouço. Mas estais equivocados. Nós, os miseraveis de Jerusalém, haveremos de lutar convosco. De Simão Pedro nós disputaremos a propria sombra. Se vos negardes a atender nossas súplicas, importa lembrardes que somos leprosos. Envenenaremos vossos poços. Pagareis a perversidade com a saúde e com a vida.

Nesse interim, não pôde continuar.

Ante a espectação angustiosa de todos, Saulo de Tarso sentenciou ríspido:

— Cala-te miseravel! Onde estou que te pude ouvir até agora? Nem mais uma palavra.

E designando-o a um dos soldados, murmurou com desprezo:

— Sinésio, da-lhe dez bastonadas. E' indispensavel castigar-lhe a lingua insolente e viperina.

Ali mesmo, á vista de todos os companheiros que se retraíam amedrontados, Samonio recebeu o castigo sem balbuciar uma queixa. Pedro e João tinham os olhos húmidos. Os demais doentes encolhiam-se estarecidos.

Terminada a tarefa, um grande silencio dominava os corações ansiosos e doloridos. O doutor de Tarso rompeu a expectativa com a ordem de partida a caminho do cárcere.

Duas crianças pálidas acercaram-se, então, do pescador de Cafarnaum e perguntaram chorosas:

— “Pai”, com quem ficaremos nós?

Pedro voltou-se, acabrunhado, respondeu com ternura:

— As filhas de Filipe ficarão convosco... Se Jesus permitir, meus filhos, não me demorarei.

O proprio Saulo, intimamente, estava comovido; entretanto, não desejava trair-se a si mesmo, deixando-se vencer pela emoção que o quadro lhe provocava.

Pedro compreendeu, que as lágrimas silenciosas de todos os tutelados humildes do “Caminho” traduziam desvelado amor, naquele momento de angustiantes despedidas.

Em seguida a esse feito, o jôvem tarsense desdobrou as energias na primeira perseguição experimentada pelas expressões individuais e coletivas do cristianismo nascente. Mais do que se poderia supôr, Jerusalém re-gorgitava de criaturas que se interessavam pelas idéias do Messias Nazareno. Saulo prevaleceu-se dessa circunstancia para fazer sentir, mais uma vez, o perigo ideológico que o Evangelho representava. Numerosas prisões foram efetuadas. Na cidade, iniciara-se um êxodo de grandes proporções. Os amigos do “Caminho”, com possibilidades financeiras, preferiam encetar vida nova na Iduméia ou na Arábia, na Cilícia ou na Síria. Os que podiam, escapavam ao rigor dos inqueritos violentos, iniciados com retumbancias de escandalo público. As personalidades mais eminentes eram metidas na prisão, incomunicaveis, mas os anónimos e humildes, os da plebe sofriam grandes vexames nas dependencias do tribunal, onde se faziam os interrogatorios. Os grandes assalariados por Saulo para a execução do nefando trabalho, excediam-se nos abusos.

— E's do “Caminho” de Cristo Jesus? — pergunta-

va um deles a uma desventurada mulher, com risinhos de ironia.

— Eu... eu... — gaguejava a infeliz, compreendendo a delicadeza da situação.

— Depressa, diz depressa! — tornava o beaguim desrespeitoso.

A misera criatura empalidecia a tremer, refletindo nos pesados castigos que lhe seriam impostos e retrucava com profundo temor:

— Eu... não...

— E que fôste fazer nas suas assembléias sediciosas?

— Fui buscar o remédio para um filhinho doente.

Em face da negativa, o preposto do Sinhédrio parecia acalmar-se, mas logo exclamava para um dos auxiliares:

— Muito bem! A interrogada pode ir em paz; antes, porém, de retirar-se, manda o regulamento se lhe applique alguns golpes de chanfalho.

E era inutil resistir. Naquele tribunal singular, por longos dias seguidos, verificaram-se punições de toda a especie. Das respostas do querelado dependiam o encarceramento, os açoites, o chanfalho, as bastonadas, as macerações e os apupos.

Saulo tornara-se a mola central do movimento terrível e execrado por todos os simpatizantes do “Caminho”. Multiplicando energias, visitava diariamente os núcleos do serviço a que costumava chamar “expurgo de Jerusalém”, desenvolvendo atividade pasmosa, dentro da qual mantinha a vigilancia constante das autoridades administrativas, encorajava os auxiliares e prepostos, instigava outros perseguidores dos princípios de Jesus, sem deixar arrefecer-se o zêlo religioso do Sinhédrio.

Dentro de uma semana, após as prisões efetuadas na igreja modesta, realizava-se a memoravel sessão em que Pedro, João e Filipe deveriam ser julgados. A assembléia excepcional despertara a maior curiosidade. Lá se congregavam todas as personalidades eminentes do

farisaísmo dominante. Gamaliél compareceu, dando mostras de profundo abatimento.

De modo geral, comentava-se a atitude dos mendigos que, não obtendo permissão de ingresso, aglomeravam-se em longas filas na grande praça e protestavam em atroante vozerio. Debalde applicavam-lhes bastonadas a torto e a direito, porque a turba de miseráveis assumira proporções nunca vistas. O quadro era curioso e alarmante. Tomar providencias para correr com a massa, parecia tarefa impossivel. Os peregrinos e os doentes contavam-se por centenas numerosas. Era inutil reprimir nos pontos isolados, o que somente vinha agravar a revolta e desesperação de muitos. Em altos brados reclamavam a liberdade de Simão Pedro. Exigiam em tumulto a sua libertação, como se exigissem um legado de seu legitimo direito.

No salão nobre, não só os assistentes comentavam o fato, mas, tambem os juizes não dissimulavam profunda impressão. O proprio Anaz contava o assédio de que vinha sendo objeto, por parte dos favorecidos de Jerusalém. Alexandre alegava que á sua residencia afluíram centenas de aflitos a solicitar-lhe os bons officios a favor dos prisioneiros. Saulo, de vez em quando, respondia a um que outro, com rápidos monossílabos. Sua fisionomia carregada traduzia propósitos inferiores, relativamente ao destino dos Apóstolos da Boa Nova, que lá estavam á sua frente, no fundo da sala, humildes, serenos, no banco dos criminosos comuns.

Viu-se, então, que Gamaliél se detinha com o sumo sacerdote em conversação íntima, que durou alguns minutos e despertava grande curiosidade entre os colégas. Em seguida, o venerando doutor da Lei chamou o ex-discípulo para um entendimento particular, antes de iniciarem os trabalhos. Os colégas perceberam que o rabino tolerante e generoso ia advogar a causa dos continuadores do Nazareno.

— Qual a sentença a ser proposta para os prisioneiros? — interrogou o velhinho com bondoso interesse, logo que se viram distanciados dos grupos rumorosos.

— Sendo eles galileus — disse Saulo enfático da

sua autoridade — não lhes será conferido o direito da palavra no recinto; de maneira que já deliberei a punição que lhes cabe. Vou propôr a morte dos três, com a de Estevam, pelo apedrejamento.

— Que dizes? — exclamou Gamaliél surpreso.

— Não vejo outro recurso — disse o moço tar-sense — precisamos extirpar pela raiz os males que começam. Acredito que se encarmos o movimento com tolerancia, teremos o prestígio do judaísmo abalado por nossas proprias mãos.

— Entretanto, Saulo — replicou o velho mestre com profunda bondade — devo invocar o ascendente que tenho em tua formação espiritual, para defender estes homens da pena de morte.

O moço caprichoso fez-se lívido. Não se habituara a transgír nos seus conceitos e decisões. Sua vontade era sempre tiranica e inflexivel. Mas Gamaliél fôra de todos os tempos o seu melhor amigo. Aquelas mãos rugosas lhe haviam ministrado os exemplos mais santos. Delas recebera vasto potencial de socôrro em todos os dias da vida. Compreendeu que defrontava um obstáculo poderoso á consecução integral de seus desejos. O venerando rabino percebeu a perplexidade e logo insistiu:

— Ninguém mais do que eu conhece a generosidade do teu coração e sou o primeiro a reconhecer que tuas resoluções obedecem ao zelo inexcedivel pela defesa de nossos princípios milenários; mas o "Caminho", Saulo, parece ter uma grande finalidade na renovação dos nossos valores humanos e religiosos. Quem, entre nós, se havia lembrado de amparar os infortunados com o provimento de um lar afetuoso e fraterno? Antes da tua diligencia corretiva, visitei essa instituição singela e pude confortar-me na observação do seu programa excelente.

O jôvem doutor estava pálido, ouvindo tais conceitos, que, a seu ver, eram positivo sinal de fraqueza.

— Mas será possivel — disse admirado — que tambem vós tendes lido o Evangelho dos galileus?

— Estou-o lendo — confirmou Gamaliél sem titu-

bear — e pretendo meditar mais demoradamente os fenómenos que ocorrem em nosso tempo. Pressinto grandes transformações em toda parte. Tenciono retirar-me da vida pública em breves dias, a-fim-de tomar o caminho do deserto. E' claro, porém, que estas minhas palavras devem ser guardadas por ti, em penhor de mútua confiança.

Sumamente impressionado, o moço de Tarso não sabia o que responder. Presumia o mestre respeitável mentalmente prejudicado por excesso de lucubrações. O mestre, porém, como se lhe adivinhasse o pensamento, acrescentou:

— Não me suponhas mentalmente debilitado. A veihice do corpo não me apagou a capacidade de pensar e discernir por mim mesmo. Compreendo o escândalo que se levantaria em Jerusalém se um rabino do Sinhedrio modificasse publicamente as convicções mais íntimas. Mas é preciso convir que estou falando a um filho espiritual. E expondo, sinceramente meu ponto de vista, faço-o tão só para defender homens generosos e justos, de uma sentença iníqua e indevida.

— Vossa revelação — exclamou Saulo de roldão — decepciona-me profundamente!

— Conheces-me de menino e sabes que o homem sincero não se poderá preocupar com os que o elogiem ou o lamentem no cumprimento de um sagrado dever.

E imprimindo carinhoso acento á voz, acentuava solícito:

— Não me faças ir contigo, nesta assembléia, aos debates públicos escandalosos e atentatorios da feição amorosa que toda verdade deve trazer consigo. Libertarás estes homens em atenção ao nosso passado de mútuo entendimento. E' só o que te peço. Deixa-os em paz, por amor aos nossos laços afetivos. Daqui a alguns dias não precisarás conceder mais cousa alguma ao velho mestre. Serás meu substituto neste cenáculo, porquanto tenciono abandonar a cidade em breves dias.

E como Saulo hesitasse, continuou:

— Não precisarás refletir muito tempo. O sumo

sacerdote está ciente de que eu pediria tua clemencia para os prisioneiros.

— Mas... e a minha autoridade? — interrogou o rapaz com orgulho. — Como conciliar a indulgencia com a necessidade de reprimir o mal?

— Toda a autoridade é de Deus. Nós somos simples instrumentos, meu filho. Ninguem se diminuirá por ser bom e tolerante. Quanto á providencia mais digna, cabível no caso, é conceder a liberdade a todos eles.

— Todos? — perguntou Saulo num gesto de grande admiração.

— Como não? — confirmou o veneravel doutor da Lei. — Pedro é um homem generoso, Filipe é um pai de família extremamente dedicado ao cumprimento de seus deveres, João é um moço simples, Estevam se consagrou aos pobres.

— Sim, sim — interrompeu o moço tarsense. — Concordo com a libertação dos três primeiros, com uma condição. Por serem casados, Pedro e Felipe poderão continuar em Jerusalém, restringindo suas atividades ao socorro dos doentes e necessitados; João será banido; mas Estevam deverá sofrer a sentença decisiva. Já propús, publicamente, a lapidação e não vejo motivos para transigir, mesmo porque, para escarmento, pelo menos um dos discípulos do carpinteiro deve morrer.

Gamaliél compreendeu a fôrça daquela resolução pela veemencia das palavras que a traduziam. Saulo deixara bem claro que não transigiria, quanto ao taurmaturgo. O velho rabino não insistiu. Para evitar um escândalo, entendeu que Estevam pagaria com o sacrificio. Aliás, considerando o temperamento voluntarioso do ex-discípulo, a quem a Cidade havia conferido atribuições tão vastas, já não era pouco obter clemencia para três homens justos, consagrados ao bem comum.

Compreendendo a situação, acentuou o respeitavel rabino:

— Pois bem, seja assim!

E, com um sorriso de bondade, deixou o moço algo preocupado e perplexo.

Dai a instantes, com surpresa geral da assembléa, Saulo de Tarso, da tribuna, propunha a libertação de Pedro e Felipe, o banimento de João, e reiterava o pedido de apedrejamento para Estevam, por considerá-lo o mais perigoso dos elementos do "Caminho". As autoridades do Sinhédrio apreciando os alvitres, com satisfação, por saberem que a medida agradaria á turba numerosa, afirmou seu unanime consentimento e a morte de Estevam foi aprazada para uma semana depois, convidando Saulo aos amigos para a triste cerimonia pública que ele proprio haveria de presidir.

## VIII

## A MORTE DE ESTEVAM

Apesar das atividades intensas, o moço de Tarso não deixara de comparecer pontualmente em casa de Zacarias, onde, no coração de Abigail encontrava o necessário repouso. Se as lutas em Jerusalém consumiam-lhe as fôrças, perto da mulher amada parecia recobrá-las, no doce encantamento com que esperava a realização das mais caras esperanças. Tinha a impressão de que o mundo era um campo de batalha, no qual lhe cabia combater pela lei de Deus; todavia, como o Eterno era justo e generoso, concedera-lhe, na dedicação da sua eleita, um pouso de consolação.

Abigail era o seu mundo sentimental. As lutas de cada dia, as providencias rigorosas que lhe impunha o cargo, a rigidez com que deveria tratar as questões confiadas ao seu fôro, eram transvasadas no coração da noiva, cheio de amor, de piedade e justiça. Ela acolhia-lhe as idéias com atenção afetuosa, parecia temperá-las na ternura da alma fraterna, restituindo-as ao noivo amado em fôrma de sugestões carinhosas e justas.

Paulo habituara-se a esse precioso intercambio de cada dia. Quando lhe faltavam ao coração os brandos consolos da estrada de Joppe, sentia-se perturbado pelos proprios sentimentos enérgicos e impulsivos. Abigail corrigia-lhe o espirito. Aparava as arestas do seu caráter violento e rude, cooperava para que se atenuasse o rigor das decisões autoritarias. Horas a-fio o jóvem